



Uma guerra contra os tabus

Com quase 60 livros publicados, e trabalhos sempre polêmicos divulgados no País e no Exterior, Jacob Pinheiro Goldberg tem-se destacado por sua preocupação em emprestar à psicologia também uma função de participação social, no que nem sempre é compreendido. Ele não teme, por exemplo, insurgir-se contra tabus ainda reverenciados pela maioria de seus companheiros, nem em utilizar, para isso, as mais variadas tribunas, desde as revistas científicas até os jornais e revistas populares.

É esse esforço pela "popularização" da uma ciência controversa que lhe tem valido as críticas dos que ainda acreditam na necessidade de sua preservação numa espécie de torre de marfim, de acesso difícil aos leigos. Goldberg acredita, pelo contrário, que o acesso ao conhecimento deve ser facultado a todos os indivíduos.

"Entendo a psicoterapia, a psicanálise e o psicodrama como a fórmula contemporânea de tentar responder à clássica e desafiadora afirmativa oracular: 'Conhece-te a ti mesmo'. A meditação oriental que apaixonou milhões de jovens numa verdadeira simbiose Ocidente-Oriente, entre outros, por Herman Hesse, é uma experiência paralela, assim como a da procura das drogas e das viagens alucinógenas, com suas terríveis consequências. Pode-se ver, nisso tudo, um notável esforço de autoconhecimento."

Goldberg acredita que esse esforço deve ser feito por todo o ser humano, em qualquer ocasião — e não apenas, portanto, no momento depressivo e angustiado. Este autoconhecimento, acrescenta, pode ser expandido enormemente com a ajuda da psicoterapia. "A reflexão sobre si mesmo, feita juntamente com um estudioso da questão (neste caso, o psicoterapeuta), seguindo uma metodologia, é a maneira mais correta de evitar o perigo das explorações e até dos desvios esquizóides que, leitores de mão, astrólogos e toda uma gama de charlatões acabam oferecendo para cativar a natural inquietude do homem em torno dos mistérios do ser."

"De onde venho?", "Quem sou?", "Para onde vou?" são questões ancestrais e indagações criativas, que impulsionam a mente humana na direção do

futuro. São indagações fundamentais na psicanálise, cujo criador, Freud, já repelia o enquadramento dessa ciência como uma simples especialização médica.

"Não por acaso", critica Jacob Pinheiro Goldberg, "o totalitarismo e a psicanálise se repelem. Porque a psicoterapia é, antes e acima de tudo, praxis do livre pensar, que não admite qualquer restrição mental. Muito pelo contrário, demanda um questionamento permanente a respeito de todos os dogmas, sejam comunitários, sociais ou familiares. A ciência da psicologia oferece subsídios extraordinários para a desmistificação do poder e da repressão. A megalomania do tirano não resiste ao olhar crítico do psicanalista, que vai reduzi-lo à sua real proporção de uma infeliz vítima de fixação edipiana."

A partir desse ponto de vista pode-se concluir que os ditadores atormentam uma nação inteira por não terem talvez sabido enfrentar o conflito com o pai. Muitos psicanalistas ligam a agressividade humana a possíveis frustrações sexuais, e o autoritarismo a uma inconsciente vingança do tirano reprimido na infância pelo pai dominador. Onde Hitler talvez não tivesse existido se tivesse se submetido a uma psicanálise eficaz.

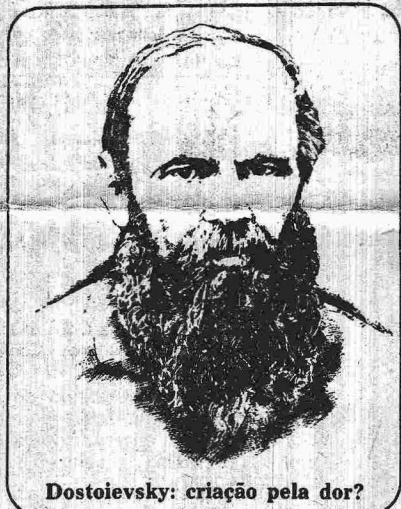
Mas a psicanálise continua temida por muitos. Para Goldberg, "o trabalho psicoterapêutico desencadeia muitas vezes, para o leigo, tendências de obsessões persecutórias, do gênero, 'o que é que este homem que vai conhecer meus segredos poderá fazer para eventualmente usá-los contra mim?'. Ele reflete, nesse caso, o medo que uma sociedade tribalizada cria nos seus componentes, que passam a confundir privacidade com clandestinidade."

Uma das funções do psicoterapeuta tem de ser o seu "conduto catártico", a possibilidade de alívio que numa outra linha — confessional — é emprestada pela absolvição religiosa. O índio brasileiro escrevia seus pecados numa pedra e jogava-a num rio. O cidadão de classe média da sociedade industrial vai entregar sua pedra para o arquivo do psicoterapeuta.

Numa reportagem recente, O Estado de S. Paulo revelou que vários padres

de São Paulo acreditavam estar a maioria de seus fiéis necessitados não de confissão religiosa, mas de assistência psicológica. Os dramas relatados no confessional surgiam mais de conflitos psíquicos que propriamente de pecados.

"Também acredito, ao contrário de alguns críticos superficiais, que a sociedade moderna precisa de mais psicoterapia, e não de menos", afirma Goldberg. "A megalópole com os seus acampamentos verticais, os apartamentos, a violência urbana, a delinquência, tudo isso deu uma dimensão global à necessidade do reencontro do homem consi-



Dostoevsky: criação pela dor?

go mesmo e com o outro. A alienação transformou-se na doença do nosso tempo. Quando e por quanto tempo o homem realmente freia a sua marcha acelerada atrás da morte, para indagar os anseios profundos do seu eu? Quando é que, a não ser no consultório do psicoterapeuta — ou num terreiro de umbanda — ele se outorga o direito a si mesmo, e de, com serenidade, discutir se é feliz, buscar as causas de suas frustrações e ressentimentos, o seu próprio motivo de existir?"

Busca-se, na psicoterapia, a verdadeira razão de viver. Daí que, para Jacob Pinheiro Goldberg, as críticas e condenações a esta ciência deveriam

merecer uma análise séria. O que estaria por trás disso? Por que, por exemplo, um dramaturgo como Nelson Rodrigues investiu tanto — e com tanto radicalismo — contra a psicanálise, quando ele próprio era — em outra linha — um profundo analista de seus tipos?

Nelson Rodrigues criou seu mundo neurótico porque era, ele mesmo, um neurótico? Dostoevsky elaborou suas fascinantes personagens à beira da loucura porque ele próprio, epiléptico e deprimido, beirava, às vezes, os limites entre a sanidade e o delírio? O artista seria um produto de seus desvios psicológicos? Seria a arte o resultado da angústia e do sofrimento?

Para Jacob Pinheiro Goldberg, esta é uma visão doentia do processo criador, "uma diminuição da altitude da obra de arte, que deve ser o resultado da biofilia (o amor à vida) e não uma compensação da dor. Acho que a psicanálise permite o verdadeiro encontro consigo mesmo, este encontro que faz do artista uma personalidade madura e não um frustrado, um recalcado, segundo o estereótipo popular que faz do artista ou do cientista um louco, um esquisito, um extravagante."

Essa visão peculiar espelha, segundo o psicoterapeuta, um preconceito contra a própria inteligência. Houve uma época, nos Estados Unidos, em que se apelidou um candidato a presidente da República (Adlai Stevenson, professor universitário) de porta-voz dos egg's head (cabeça de ovo), o protótipo do pensador, cuja careca seria como a casca do ovo: polida por fora, mas frágil. "É uma característica da sociedade de massa o nivelamento por baixo. Uma espécie de 'mediocrácia', em que todo o homem que se dedica ao mister de pensar é visto com suspeita, até como uma ameaça!"

Indivíduos inteligentes e inquietos são testemunhas contra a acomodação e o lugar comum, a grande ameaça à mediocridade dominante. Por isso, continua Goldberg, "costumo dizer que o sujeito inteligente é um monumento vivo erguido contra a boçalidade. Entendo que psicoterapia é, além de um estudo sobre a problemática emocional, um jogo de desenvolvimento da própria inteligência."